

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Globo

Class.: YUR/1362

Data: 24.01.79

Pg.: _____



O cacique Arodi, entre os xavantes, já pintados e armados para o ataque

Xavantes preparam ataque em Mato Grosso

BARRA DO GARÇAS, MT (O GLOBO) — "Se a Funai não resolver o problema das nossas terras até sexta-feira, no sábado nós vamos atacar de novo as fazendas, como fizemos no dia 29 de dezembro". A afirmação é do índio Arodi, chefe dos xavantes da reserva de Pimentel Barbosa, no município de Barra do Garças, em Mato Grosso, que reivindicam cerca de 170 mil hectares de terras, que consideram suas, a oeste e ao sul dos atuais limites da reserva.

Pintados de urucum e carvão, armas de fogo, arcos e flexas bodurnas preparadas, os xavantes já decidiram quais serão seus próximos alvos: as fazendas Ultra, do Gervásio, do Diogo e Princesa, todas perto da BR-158, estrada que liga Barra do Garças a São Félix.

Desde os conflitos do final do ano passado, quando os índios atacaram quatro fazendas, o clima na região é de intranquilidade: fazendeiros e trabalhadores de fazendas temem uma nova invasão, os funcionários da Funai do posto de Pimentel Barbosa e da Ajudância do Órgão, em Barra do Garças confessam-se incapazes de controlar os índios por mais tempo, e no povoado de Matinha, a cerca de 60 quilômetros da aldeia indígena, onde se refugiaram trabalhadores das fazendas atingidas pelas invasões de 29 de dezembro, todos parecem ter um objetivo único: — mudar-se, o mais rápido possível, para bem longe da reserva xavante. Os 32 policiais militares encaminhados ao povoado pelo capitão Costa Neto, da Companhia Militar de Barra do Garças, "para uma operação preventiva", ao invés de tranquilizar os habitantes, atemorizou-os ainda mais.

A ordem do velho cacique Apoena, que morreu em abril do ano passado, foi bem clara: expulsar os brancos de suas terras; e os xavantes estão dispostos a cumpri-la.

Índios lutam há dois anos pela posse da terra

Os conflitos entre índios e fazendeiros no município de Barra do Garças não são recentes, nem se limitam apenas à área da reserva de Pimentel Barbosa. No domingo, por exemplo, fazendeiros e funcionários da Funai foram informados de que índios da reserva xavante de Couto Magalhães haviam invadido a Fazenda Xavantina, atacando uma viúva e matando uma rês.

Até ontem, os funcionários da Ajudância ainda não haviam conseguido confirmar a informação pois, devido às más condições do tempo, era impossível chegar à reserva, por avião, ou por terra. Segundo o chefe do Posto de Couto Magalhães, Adão Taques, os índios de sua reserva e da reserva de Koluene reivindicam a integração da área da Fazenda Xavantina às suas terras e prometem atacar a fazenda caso a situação não seja resolvida até, o final de fevereiro.

Em Pimentel Barbosa, os conflitos com fazendeiros começaram em 1976, após a demarcação da reserva. Mas, a negociação das terras teve início bem antes, quando foi feito o mapeamento da região.

Em 1972, pelo decreto assinado pelo Presidente Garrastazu Médici, a reserva deveria se estender do Rio das Mortes (Limite leste) à Serra do Rouca-

— Meu pai — lembra Arodi, filho de Apoena —, disse sempre que enquanto visse continuaria indo a Brasília, para conversar e resolver o problema. Falava que se não acertasse tudo antes de sua morte, os xavantes deveriam partir para a luta. Disse que os xavantes deveriam brigar primeiro nas fazendas Canoas, Real, Caçula e no "Acereré" (uma pequena fazenda onde se localizava a antiga aldeia da tribo). Foram essas que nós atacamos no dia 29.

ACUSAÇÕES

Enquanto isso, os funcionários da Funai na região e os fazendeiros procuram uma solução pacífica para o problema. Os primeiros acusam os fazendeiros de terem participado, juntamente com funcionários do órgão, de manobras para reduzir a reserva indígena, por ocasião da demarcação, entre 1973 e 1974.

Os fazendeiros, por sua vez, mostram os documentos de posse da terra e acusam os funcionários da Funai naquela região, de estarem incitando os índios ao ataque, para criar tumulto e evitar que os dirigentes da Fundação descubram "a malversação das verbas destinadas à Ajudância em Barra dos Garças", como diz o fazendeiro e ex-funcionário do órgão, Valdênio Lopes.

ATRITO

Os funcionários da Funai aguardam uma solução, mas afirmam não terem condições de impedir o ataque dos índios que, segundo o chefe Arodi, "estão cansados de esperar e querem todas as suas terras". Ele informou também que os xavantes das reservas de São Marcos, Couto Magalhães, Areões e Mancura já ofereceram apoio para a luta do grupo de Pimentel Barbosa contra os fazendeiros.

dor (limite oeste, próximo, à BR-158) — No entanto, nessa época, a margem direita da estrada já estava tomada por fazendeiros ao norte, e a reserva seria limitada pelo Rio Corichão e, ao Sul, pelo Rio Sujo.

— Mas — explica o chefe da Ajudância da Funai em Barra do Garças, Odenir Pinto de Oliveira; a comissão responsável pelo levantamento da área (1972/1973) não fez um trabalho sério. Na parte sul, por exemplo, os índios perderam cerca de 65 mil hectares, pois os nomes dos rios foram trocados. No mapa oficial, o Rio Amarelo, que corre 15 quilômetros acima (ao norte) do Rio Sujo, figura com o nome de Rio Sujo. Acredita-se que Valdênio Lopes, que era auxiliar de desenho da Funai, hoje fazendeiro na região; tenha participado de grupo de fazendeiros que arquitetou a mudança do nome do Rio.

Segundo Odenir, a comissão instituída pela Funai, em 1976, para apurar irregularidades na demarcação, concluiu que efetivamente haviam erros e apontou como culpados três funcionários do órgão: Getúlio Barreto, Laia Mattar e Ronaldo Quirino. Em 1977 foi constituída outra comissão para apurar o problema. Os trabalhos já, foram concluídos, mas os resultados ainda não foram divulgados.